

Entre minha boca e teu ouvido uma performance de Claudia Paim

A performance é um acontecimento. Um ato de vida. Uma coisa que é.

Noite de abertura, abertura de exposição. Uma exposição que se chama *des/compostos*, de Claudia Paim e Dione Veiga na Galeria Península em Porto Alegre. A expo fala de paisagem, um tema explorado a tempos já pelas artistas. O que é paisagem para você? Qual é a paisagem que lhe é mais chocante, mais inesquecível, o que sentiste ao experiênciá-la? O que viveu o teu corpo quando se conectou com um lugar nunca antes visto, ou já visto, mas nunca antes percebido como agora. Às 20 horas fomos convidados para ir até o jardim, e lá com os pés descalços sob a brisa, está sentada, impávida, Claudia Paim, em um dos bancos de pedra rosa que compõem o jardim. Em cima da sua cabeça se encontra uma lâmpada incandescente, que ilumina o seu rosto quando olha pra frente e quando abaixa a cabeça vira uma silhueta. A plateia começa a tomar lugar ao redor do corpo-instalação que quase não se movimenta e aguarda os movimentos dos outros, uma observadora atenta que ao perceber enfim, que todos estão acomodados, começa a falar de modo quase lírico, quase banal sobre uma memória de paisagem sua: um dia em que ainda uma criança, viajara com os pais, nos anos 80 (de fusca), até o litoral do rio grande do sul e, no meio de uma narrativa cheia de imagens contando de um lago incrível que se via do carro e do quanto, em algum momento específico da paisagem, o lago ficava na mesma linha do horizonte e era como se diante disso _____ e Claudia faz uma ação que revela aos seus interlocutores ali que na sua mão direita todo o tempo estivera segurando uma mangueira ligada a qual ela própria mantivera dobrada para que a água não vazasse, mas nesta hora ela desdobra a mangueira e enfia o jato de água pra dentro da boca _____ Esta ação muda brusca e profundamente a narrativa que até então se baseava em palavras, claras e precisas, alimentando à nossa tão habituada percepção de comunicação. No momento em que entra o elemento água e distorce em absoluto as palavras, as torna impossíveis de se identificar e imprimir outro ritmo, outro tom, um novo modo de articular, toda a estrutura da linguagem é desmantelada ali na nossa frente! Estávamos diante de uma ação que impusera-se aos sentidos e os transformara todos. O que ouvíamos agora? E mais, o que víamos ali com a água jorrando na boca pelo corpo da artista, pressionando e deformando as palavras? Solução dentro. Então, Claudia volta a dobrar a mangueira, a água estanca e ela volta a relaxar o braço ao longo do corpo, já não vemos mais o elemento que havia produzido tanto estranhamento. Ela então passa a mão nos olhos para eliminar o restante da água que se acumulara em seu rosto e retoma a narrativa, de modo claro, preciso e completamente inteligível à nossa razão.

Conta-nos então outra memória em relação a paisagem sobre um momento em uma praia com amigos, ou o seu corpo com a areia do deserto, não me lembro bem, pois nesta hora eu estava vidrada à ação do seu corpo performático e seus movimentos orgânicos, simples, sutis. Um corpo-escultura, vivo na sua ação de estar sentado, falando e decidindo certeira e o novo momento de mudar tudo ali, de nos oferecer um novo estímulo, uma questão, um desconforto, um soluço dentro, uma emoção sufocada... Estávamos, enquanto plateia, tendo a oportunidade de vivenciar um momento de descontrole total para o corpo, que seguia falando, mas entre a fala e o que ouvíamos acontecia de quando em vez, uma interferência tão

potente, urgente e visceral (água correndo solta na boca) que nos transportava para outros variados espaços, tempos e emoções. A paisagem se transformava tão abruptamente que nós próprios ali sentados, de pé, escorados, não importa, todos que estávamos ali observando atentos capturados a presença indubitável da artista. A cada nova intervenção da mangueira jorrando na sua boca um não sei quê de loucura se dava, ficávamos suscetíveis a um milhão de novos e imprevisíveis processos sinápticos. Claudia bagunçou o nosso sistema nervoso, nosso cérebro límbico, por nos levar para lugares inconscientes até e o nosso córtex temporal que guarda as nossas memórias tanto visuais, quanto as auditivas, as paisagens que cada um de nós já viveu e sentiu. Ofereceu-nos uma possibilidade de perceber a fragilidade da comunicação pelas palavras, pelos discursos sejam eles quais forem, que valem-se tanto das palavras, da moralização da ação pelas palavras, falas sufocadas, as quais, ao mesmo tempo, o são jorro alucinante quando vivem livres soltas - vômito transparente, explosão de sentidos! Torrente.

Aquelas lembranças de paisagens, “as traições da memória e a impossibilidade de repetição de uma experiência vivida”, como refere a própria artista. Sempre haverá uma interferência, um desvio, um ornamento distinto daquele experimentado pelo corpo. A performance vive das urgências daquilo que não se pode representar, esta fora da norma, dos porquês, pois refere a dimensão viva do mundo, o extracognitivo. Ela combate as nossas tendências reativas, para falar com Suely Rolnik, revela a nossa própria ética da existência, que é única, intransponível, pois cada corpo transmite a sua própria pulsação, a sua própria vibração. A performance é, porque a ação é! Ela se impõe, ela revela tudo o que há para se dizer.

Claudia ainda conta sobre algumas paisagens suas e também da sua colega de exposição Dione Veiga, e ao final, pergunta se alguém ali quer sentar, segurar a mangueira e contar sobre as suas próprias paisagens. Nós todos, inebriados e jogados dentro de nós próprios, só conseguimos aplaudi-la com ardência. Ela estava viva ali, nos convidou a vida nesta noite! A performance é um ato de vida, e só pode ser assim, fora disso é representação para ser reconhecida!

Carina Sehn é artista, sutilizadora corporal e pesquisadora de arte contemporânea, com foco em performance do corpo.